

**Aspectos da textualidade e a produção de sentidos  
na compreensão e na interpretação de textos**

**Aspects of textuality and the production of meanings  
in text comprehension and interpretation/**

Nívea Eliane Farah<sup>\*</sup>  
*nivea10@uol.com.br*

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*

---

**RESUMO:** O presente artigo é uma tentativa de discutir sobre a construção dos sentidos dos textos humorísticos para o processo de leitura reflexiva. Essa escolha ocorreu pelo interesse pessoal por textos risíveis e pela necessidade de refletir sobre as possibilidades de melhoria da leitura crítica dos textos. O objetivo é discutir como fazer uma análise dos aspectos de textualidade. A partir da leitura crítica de bibliografia sobre Linguística Textual, na perspectiva sociocognitiva interacional, apresentam-se, nesse artigo, de caráter teórico e analítico, algumas reflexões que levam a desenvolver a percepção dos elementos de textualidade, por meio da análise de textos de humor risível.

**PALAVRAS-CHAVE:** Textualidade. Produção de sentidos. Humor.

**ABSTRACT:** This article is an attempt to discuss the production of sense of humorous texts for the reflective reading process. This choice was due to our personal interest in laughable texts and the need to reflect on the possibilities of improving the critical reading of the texts. The aim is to discuss how to analyze aspects of textuality. Based on the critical reading of literature on Textual linguistics, from the interactional socio-cognitive perspective, this paper, of a theoretical and analytical nature, presents some thoughts that lead to the development of the perception of textuality elements, through the analysis of laughable humor texts.

**KEYWORDS:** Textuality. Production of sense. Humor.

---

<sup>\*</sup> Especialista e concluinte de mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dieli Vesaro Palma.

## **Considerações iniciais**

O tema central deste artigo é a leitura como uma atividade de interação sociocultural. O objetivo geral é aprofundar a reflexão sobre as estratégias cognitivo-interacionais de leitura. Os objetivos específicos são verificar como pode ser desenvolvida a compreensão, a interpretação e o desenvolvimento da formação do espírito crítico. Os métodos de investigação são qualitativos e exploratórios, com vistas à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo na perspectiva sociocognitiva interacional.

A questão central que norteia esse estudo é como conscientizar os leitores de que a linguagem não é neutra e de que não há textos ingênuos. Entende-se que a língua só existe na interação social, seja pela linguagem oral, seja pela linguagem escrita, e esse encontro linguístico se materializa em textos falados ou escritos. Defende-se que é importante identificar as funções sociais que os textos apresentam para essa conscientização do processo de produção de sentidos realizados por meio de uma leitura reflexiva.

Inicialmente, são apresentados os elementos para a compreensão e interpretação de um texto e os fatores de textualidade. Em seguida, são realizadas as análises de textos humorísticos e os conhecimentos necessários para o processamento de informação da leitura.

A seguir, são trazidos os fundamentos teóricos que nortearam esse artigo.

## **1 Considerações teóricas**

Os fundamentos teóricos são da Linguística Textual com vertente sociocognitiva interacional em interdisciplinaridade com as Ciências Cognitivas.

Koch (2004), na obra *Introdução à Linguística Textual*, mostra que a Linguística Textual passa a ver o texto como um todo organizado a partir de uma referência, um assunto, e não mais como uma somatória de frases. A noção de texto e o reconhecimento de uma competência textual implica a noção de contexto. O autor, ao escrever um texto, o faz a partir de um assunto, que está incluso em um saber partilhado, social, sobre o qual ele faz um recorte, uma tematização. O leitor, por sua vez, ativa um processo mental e cognitivo para reconstruir o sentido do

texto. Linguistas acreditam que o homem possui uma Competência Textual que lhe permite produzir um texto e/ou saber quando um texto está completo ou interrompido e, neste último caso, como completá-lo: ou ainda, reduzir o número de informações, parafraseá-lo, dar-lhe um título, ou construir um texto a partir de um título, relacionar um texto a outro e fazer inferências a partir dele.

A autora mostra que, da metade da década de 60 à metade de 70, ocorre a abordagem sintático-semântica, cujo objeto de estudo é a coerência e coesão. Depois, na segunda metade de 70, numa perspectiva pragmática, o texto é considerado processo, não produto. A década de 80 introduz questões de ordem cognitiva e princípio de interpretabilidade. Na década de 90, a Linguística Textual adota a concepção sociocognitiva interacional. No Brasil, diversos pesquisadores passaram a ver texto como lugar de interação. Segundo ela,

dentro desta concepção, amplia-se, mais uma vez, a noção de contexto, tão cara à Linguística Textual. Se, inicialmente, quando das análises transfrásticas, o contexto era visto apenas como cotexto (segmentos textuais precedentes e subsequentes ao fenômeno em estudo), tendo, quando da introdução da pragmática, passado a abranger primeiramente a situação comunicativa e, posteriormente, o entorno sócio-histórico-cultural, representado na memória por meio de modelos cognitivos, ele passa a constituir agora a própria interação e seus sujeitos: o contexto constrói-se, em grande parte, na própria interação (KOCH, 2004, p.44).

Nessa concepção em que o texto passa a ser considerado o lugar da interação, os interlocutores passam a ser vistos como sujeitos ativos e a produção de linguagem como uma atividade complexa de produção de sentidos. A leitura não é uma atividade exclusivamente linguística; ela vai exigir vários tipos de conhecimentos prévios: os linguísticos, os enciclopédicos ou de mundo e os textuais.

Portanto, entende-se que a leitura é uma atividade que exige conhecimentos prévios linguísticos, enciclopédicos e textuais. Os linguísticos são os conhecimentos semânticos, os sintáticos, os morfológicos, os fonológicos e os ortográficos. Os enciclopédicos são os conhecimentos gerais do mundo, do senso comum aos mais específicos ou técnicos. Os textuais são aqueles acerca dos elementos de textualidade, dos tipos e gêneros textuais. Esses conhecimentos ficam armazenados na mente na forma de esquemas mentais.

Na leitura sob a perspectiva da pragmática, devem-se fazer as seguintes questões: de que o autor pretende tratar? A quem se dirige? Com qual intenção? Em que situação o faz? Quais os pressupostos implícitos assumidos? Qual o meio selecionado? Na leitura sob a perspectiva cognitivista, deve-se observar o conhecimento sobre estruturas ou modelos textuais globais, por meio de tipos e gêneros textuais. Na leitura sob a perspectiva sociocognitivo-interacionista, deve-se indicar a relação entre cognição e cultura, a linguagem como uma ação compartilhada entre sujeitos.

Koch (2004) aponta que as pesquisas em linguística textual contribuíram para o conhecimento dos elementos que dão textualidade a um conjunto de sentenças, Beaugrande e Dressler elegeram dois grupos responsáveis por tornar um texto um texto: os elementos linguístico-semânticos, como a coesão e a coerência; e os elementos como a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade a informatividade e a intertextualidade. Ao ler um texto coeso e coerente, devem-se levar em conta esses fatores de textualidade, ou seja, refletir no processo de leitura sobre o que se pretende, como os leitores aceitam o conteúdo, como esse conteúdo é levado ao conhecimento do leitor, como o escritor ajusta o texto à situação em que ele ocorre e como ativa a experiência prévia com outros textos.

A autora diz que a coesão pode ser vista como a sintaxe do texto. O uso dos elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, sendo os elementos coesivos mais comuns: a repetição, a paráfrase, o paralelismo, as pró-formas, a elipse, os sinônimos, os antônimos, os hiperônimos e hipônimos, os tempos e aspectos verbais, os conectivos e a entonação.

Em geral, a coesão é vista pela maneira como os elementos linguísticos se interligam por meio de recursos linguísticos. A maioria dos pesquisadores classifica esses recursos em dois grupos como a coesão referencial (referência, substituição e elipse) e a coesão sequencial (conexão), que garante a continuidade do sentido. A coesão lexical (reiteração), que se realiza por meio da repetição, pelo uso de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos e expressões nominais tem a função de remissão, a coesão lexical (colocação) permite a progressão e a manutenção do tema.

Inicialmente, a coesão referencial era vista como mecanismo para se remeter um elemento linguístico a outros anteriores (anáfora) e posteriores (catáfora), porém percebeu-se que nem sempre o referente vem expresso no texto: pode ser extraído

do conhecimento de mundo, por meio de inferenciação, baseada em relações lexicais, representadas na memória (anáforas associativas) ou baseadas em relações mais complexas (anáforas indiretas). A coesão sequencial faz o texto progredir por meio de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas e se estabelece pelos segmentos do texto (enunciados, parágrafos e sequências textuais). O uso dos mecanismos coesivos ajuda a interpretação do texto e a construção da coerência.

Koch (2004) problematiza o conceito de coerência. A autora entende que ela resulta da interação entre texto e leitor. Quanto mais conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e textuais tiver o leitor, maior as possibilidades de construção de significados para o processo de leitura. O leitor precisa ativar conhecimentos de mundo, modelos cognitivos, superestruturas ou esquemas textuais, conhecimento partilhado, equilíbrio da informação dada e da informação nova, inferências, fatores de contextualização, perspectivas ou prospectivos para compreender os sentidos dos textos.

A autora mostra, ainda, como as noções dos conceitos de coesão e coerência foram sofrendo alterações significativas no decorrer do tempo. Antes se confundiam; depois, entende-se que coesão não é condição necessária nem suficiente da coerência. Sabe-se hoje que ela se constrói por meio de processos cognitivos dos usuários e desencadeados pelo texto e pelo contexto. E que, também, a

coerência não é mais vista apenas como um critério de textualidade entre os demais (e centrados no texto!), mas constitui o resultado da confluência de todos os demais fatores, aliados a mecanismos e processos de ordem cognitiva ... O que se tem defendido é que a coerência resulta de uma construção dos usuários do texto, numa dada situação comunicativa, para qual contribuem, de maneira relevante, todos os fatores [...] (KOCH, 2004, p.43).

Na obra *Desvendando os Segredos do Texto*, Koch (2005) mostra que o conceito de texto foi ampliado para uma perspectiva dialógica, uma visão interativa no ato de ler e de escrever. Ela indica, como estratégia, a ativação de conhecimentos, seleção, organização e desenvolvimento de ideias, escolha das informações, dependendo do objetivo da escrita e do leitor. A autora apresenta os três momentos ou fases de memória, que são a estocagem, a retenção e a reativação. Ela aborda também os modelos mentais, experimentais e episódicos ou

de situação, como as hipóteses, os modelos partilhados, as inferências e os sinais presentes nos textos e os passos interpretativos.

A autora mostra que as teorias da Ciência Cognitiva, no que se tem denominado cognição social, indicam que membros de um mesmo grupo partilham estruturas mentais e estratégias na produção e compreensão de situações e interações. Essas estratégias de ordem sociocognitiva podem ocorrer no início de uma leitura, com a informação do contexto ou do título, sobre os possíveis tópicos que poderão ser encontrados no texto. E acrescenta

Todos esses processos que fazem uso dos modelos de situação são controlados por modelos cognitivos de contexto (Van Dijk, 1994), que contêm os parâmetros relevantes da interação comunicativa e do contexto social. (...) Os modelos de contexto são usados para monitorar eventos comunicativos. Eles representam as intenções, propósitos, objetivos, perspectivas, expectativas, opiniões e outras crenças dos interlocutores sobre a interação em curso ou sobre o texto que se está sendo lido ou escrito, bem como sobre as propriedades do contexto tais como tempo, lugar, circunstância, condições, objetos e outros fatores situacionais que possam ser relevantes [...] (KOCH, 2005, p.47-48).

Ela discute, também, as estratégias de preservação da face, as formas de atenuação, as estratégias de polidez, de negociação, de atribuição de causas aos mal-entendidos e as escolhas textuais para a produção de determinados sentidos. Explica que

as estratégias de ordem cognitiva têm, assim, a função de permitir ou facilitar o processamento textual, quer em termos de produção, quer em termos de compreensão. As estratégias interacionais, por sua vez, visam a fazer com que os jogos de linguagem transcorram sem problemas, evitando o fracasso da interação (KOCH, 2005, p.50-51).

O texto como lugar de interação provoca no produtor e no interpretador a função de estrategistas na missão de desvendar os segredos dessa interação pela linguagem. A leitura precisa ser vista como um processo de referenciação, com progressão textual e os interlocutores, vistos como sujeitos ativos no processamento cognitivo do texto. Entende-se que o bom leitor deve aprender pelos domínios de estratégias de compreensão e interpretação, pelos explícitos e pelos implícitos, pelas reflexões sobre qual a mensagem do texto, qual a intencionalidade, qual a relevância e como os recursos linguísticos são utilizados pelos interlocutores para fins de interação.

Luciano Amaral Oliveira, em sua obra *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*, de 2010, apresenta o fato de Grice analisar que as pessoas são cooperativas no momento da comunicação e sugere que há um Princípio da Cooperação, composto de quatro regras ou máximas: a máxima da quantidade, a máxima da qualidade, a máxima da relação e a máxima da maneira. A máxima da quantidade aponta que não se deve informar em excesso, nem de forma insuficiente, ambas podem atrapalhar a comunicação. A máxima da qualidade revela que se parte do pressuposto de que as pessoas tendem a dizer a verdade. A violação disso é que caracterizaria a ironia. A máxima da relação sinaliza para que se seja relevante em relação aos interlocutores. A máxima da maneira recomenda clareza, concisão, precisão e organização ao estabelecer uma comunicação. Essas máximas podem ser seguidas ou violadas. A isso Grice (*apud* OLIVEIRA, 2010) chamou de implicaturas conversacionais. Isso leva a refletir na importância de se perguntar os motivos pelos quais algo está sendo omitido ou há informações em demasia.

Segundo Oliveira (2010), os elementos de textualidade se relacionam com as atitudes dos usuários dos textos e com o contexto de produção e recepção textual. A intencionalidade se relaciona ao objetivo a ser atingido ao se elaborar um texto e a capacidade de realizar inferências no processo de leitura. A aceitabilidade é a forma como o leitor recebe o texto. O escritor precisa ter um público alvo para decidir sobre a linguagem de seu texto. A situacionalidade se relaciona às circunstâncias sob as quais um texto é produzido ou lido; o contexto tem de ser sempre considerado. A informatividade é o grau de novidade ou de imprevisibilidade de um texto. O ideal é manter um nível equilibrado entre informações novas e informações previsíveis. A intertextualidade é a relação de um texto a textos anteriores, pode ser explícita ou implícita, ou seja, com revelação ou não das fontes dos textos.

Van Dijk (1992) sugere um modelo cognitivo que estabeleça uma relação entre a teoria da língua e do discurso e a teoria social da interação para o desenvolvimento de uma ciência cognitiva interdisciplinar. Ele propõe um modelo estratégico e diz que

a análise estratégica depende não somente das características textuais, como também das características do usuário da língua, tais como seus objetivos ou conhecimentos de mundo. Isso pode significar que o leitor de um texto tentará reconstruir não somente o

significado intencionado do texto- como sinalizado de diversas formas pelo autor, no texto, e contexto- como também um significado que diga mais respeito aos seus interesses e objetivos (p. 23).

O autor afirma que o usuário de uma língua não necessita esperar pelo final de um parágrafo, ou capítulo, para inferir do que trata o texto ou fragmento de texto, por meio de previsões a partir dos títulos, das palavras temáticas, das sentenças temáticas iniciais, assim como de informações vindas do contexto. No esquema narrativo, há uma estrutura hierárquica de categorias convencionais, como Situação, Complicação e Resolução. A isso ele dá o nome de *superestrutura* do texto. Para ele, os usuários buscarão ativar uma superestrutura relevante da memória semântica a partir de pistas sugeridas pelo contexto ou pelo tipo de texto.

A partir da proposta de Adam, Bonini (2005) faz um estudo da noção de sequência textual e diz:

Adam se vale da ideia de estabilidade de Bakhtin, propondo que os gêneros primários sejam vistos como tipos nucleares, menos heterogêneos, e como responsáveis pela estruturação dos gêneros secundários. Os gêneros primários são concebidos, então, como sequências textuais, ou seja, como componentes textuais (compostos por proposições relativamente estáveis e maleáveis), que atravessam os gêneros secundários (BONINI, 2005, p. 209-210).

Ele recupera a definição de gênero de Bakhtin (2003), mas tal definição não se confunde com a de sequência textual. Os gêneros podem ser os mais variados, mas as sequências são limitadas e perpassam todos os diferentes gêneros. Adam concebe cinco tipos de sequências textuais: a narrativa, a argumentativa, a descritiva, a explicativa e a dialogal.

A sequência narrativa traz uma sucessão de eventos, uma unidade temática, os predicados transformados, o processo, a intriga e a moral. O esquema da sequência narrativa se dá por uma situação inicial, a complicação, as (re)ações, a situação final e a moral, por vezes, apenas sugerida. A sequência argumentativa apresenta como característica principal o direcionamento de um para convencer o outro a mudar de ideia sobre determinado objeto. O esquema dessa sequência é formado por dados ou argumentos e uma conclusão, pode trazer por inferências, contraposições, entre outros. A sequência descritiva traz a ancoragem, o tema-título, a aspectualização, ou seja, as características físicas e o estabelecimento de relação e uma reformulação nova sobre o tema. A sequência explicativa traz a transformação de um estado de conhecimento, mas não como a mudança de visão



de mundo, como faz sequência a argumentativa. Por vezes, a sequência explicativa é chamada de expositiva, mas Bonini (2005, p. 223) explica que Adam rejeita essa designação, pois “para ele, os casos apontados como exposição podem ser regularmente reinterpretados como uma sequência descritiva”. O esquema da sequência explicativa é formado pelo levantamento de uma questão ou problema, uma resposta à questão ou resolução do problema e a sumarização da resposta, avaliando-se o problema. A sequência dialogal traz como característica essencial o fato de ser construída necessariamente por mais de um interlocutor, diferentemente de todas as outras sequências, elaboradas apenas por um falante / escritor. Esse esquema é formado pela emissão de enunciados que se alternam entre um interlocutor e outro.

Silveira (2009), no capítulo Um outro olhar para as narrativas de história: o suspense e o risível, mostra que as histórias risíveis podem ser explicitadas por estratégias cognitivo-interacionais e, ainda, que a categoria o “Inesperado” decorre de orientação, menção e reformulação, por relacionar o “dado” com o “novo”.

A autora mostra como a informação verbal entrada é transformada em sentido,

é necessário que se ative, para a memória de trabalho, conhecimentos armazenados na memória de longo prazo, a fim de se construir o contexto cognitivo. Os conhecimentos ativados e processados são armazenados na memória de médio prazo e compõem o contexto cognitivo que é necessário tanto para a expansão quanto para a redução das informações pela memória de trabalho (SILVEIRA, 2009, p.3)

A autora também comenta que as narrativas de história foram estudadas por vários pesquisadores, como teóricos da literatura, linguistas, sociolinguistas, entre outros, que utilizam designações distintas para as categorias textuais das histórias. A terminologia escolhida, pela autora do artigo, foi a dos linguistas: Apresentação, Conflito e Resolução. Silveira (2009) entende que o risível é uma variação das narrativas de história e que o “inesperado” é uma categoria utilizada para progressão semântica das histórias para manter a atenção pelo jogo do velar e desvelar.

O leitor ativa o saber prévio, constrói uma expectativa, mas ela pode ser reformulada por uma informação nova trazida pelo autor ou narrador. O risível resulta dessa quebra de expectativa e da consciência do engano. Caso o interlocutor desconheça o conteúdo polissêmico de uma palavra, ou um contexto de mundo necessário, ou uma regra interacional, a compreensão dessa história pode não

acontecer. O interlocutor não toma consciência desse engano, não reformula as inferências, não constata o inesperado, nem o risível do texto, então, não compreende a estratégia interacional humorística: o esperado e o inesperado.

Silveira (2009) trata também da organização textual do suspense como uma estratégia interacional, mas, nesse artigo, ela não será utilizada.

Discutidas essas questões teóricas, serão analisados alguns textos humorísticos no sentido de indicar caminhos para a leitura que possam ampliar a competência dos leitores. Os procedimentos de leitura irão desde a localização de informações explícitas no texto até inferências de sentido das palavras e expressões, a coesão e a coerência no processamento do texto, as relações entre os recursos e os efeitos de sentido, a presença ou ausência dos fatores de textualidade.

## **2 Análises de textos de humor risível**

### O socorro

Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão - coveiro - era cavar. Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais. Tentou sair da cova e não conseguiu. Levantou o olhar para cima e viu que sozinho não conseguiria sair. Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite. Sentou-se no fundo da cova, desesperado. A noite chegou, subiu, fez-se o silêncio das horas tardias. Bateu o frio da madrugada e, na noite escura, não se ouviu um som humano, embora o cemitério estivesse cheio de pipilos e coxares naturais dos matos. Só pouco depois da meia-noite é que vieram uns passos. Deitado no fundo da cova, o coveiro gritou. Os passos se aproximaram. Uma cabeça ébria apareceu lá em cima, perguntou o que havia: "O que é que há?" O coveiro então gritou, desesperado: "Tire-me daqui, por favor. Estou com um frio terrível!" "Mas, coitado!" - condoeu-se o bêbado - "Tem toda razão de estar com frio. Alguém tirou a terra de cima de você, meu pobre mortinho!" E, pegando a pá, encheu-a e pôs-se a cobri-lo cuidadosamente.

*Moral: Nos momentos graves, é preciso verificar muito bem para quem se apela* (FERNANDES, 1997, p. ).

As fábulas costumam trabalhar os ensinamentos, estabelecendo relações de causa e efeito e costumam apresentar personagens sempre em situações de conflito. A fábula é um dos gêneros textuais mais antigos e revela preocupação com as ações humanas, principalmente pela moral, que funciona como um canal direto com o leitor. O relato das situações reproduzidas não se distancia daquelas vividas no dia a dia. Millôr Fernandes, em contrapartida, busca a desconstrução de valores em favor do humor. O autor troca os animais das fábulas tradicionais por pessoas e se refere a elas de maneira genérica; elas não são nomeadas: ele usa “o coveiro” e “o bêbado”.

Ao observar a palavra escolhida para o título, pode-se inferir que alguém precisa de auxílio, pois se acha numa situação de desespero. Isso se confirma logo no início, na apresentação da história narrativa em que o coveiro “na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais. Tentou sair da cova e não conseguiu”. A primeira estranheza está no fato de que ele, amando sua profissão, tenha se distraído ao cavar a cova. Aqui o humor ainda é sutil.

O conflito surge ao perceber-se sozinho: “levantou o olhar para cima e viu que, sozinho, não conseguiria sair”. Nesse momento, há uma tensão que cresce e decresce em: “gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite”. Depois, num segundo momento, há uma intensidade dramática em: “sentou-se no fundo da cova, desesperado. A noite chegou, subiu, fez-se o silêncio das horas tardias. Bateu o frio da madrugada e, na noite escura, não se ouvia um só som humano, embora o cemitério estivesse cheio de pipilos e coaxares naturais do mato”.

A resolução parece surgir quando “só pouco depois da meia-noite é que lá vieram uns passos. Deitado no fundo da cova, o coveiro gritou. Os passos se aproximaram. Uma cabeça ébria apareceu lá em cima, perguntando o que havia”.

O leitor pode inferir que o coveiro estará salvo, pois será socorrido, como o título anunciava, mas se atentasse para a pista de que quem surgiu, depois da meia-noite, foi uma cabeça ébria, poderia deduzir que o final talvez não fosse feliz. O fato, também, é que o leitor precisa conhecer o sentido da palavra “ébria” para elaborar essa hipótese de leitura.

A manifestação de desespero do coveiro em “o coveiro então gritou, desesperado:— Tire-me daqui, por favor. Estou com um frio terrível!” provocou no

bêbado um sentimento de pena, de dó: “— Mas coitado! — condeu-se o bêbado — Tem toda a razão de estar com frio. Alguém tirou a terra de cima de você, meu pobre mortinho!”

O humor do texto é que nem o homem ébrio poderia supor que o homem no fundo da cova fosse um coveiro, muito menos que o próprio teria cavado tanto a ponto de ficar nessa situação desesperadora. Isso pode ser observado na seguinte fala dele: “alguém tirou a terra de cima de você”.

Outro fato humorístico ocorre na falta de racionalidade do homem ébrio; afinal, mortos não sentem frio, portanto não precisam ser cobertos, mas isso é coerente, pois ele havia bebido demais e não estava em condições de elaboração desse tipo de raciocínio. O autor escolheu intencionalmente um bêbado para que o leitor aceitasse a narrativa como risível.

O homem ébrio julga que a terra em volta da cova poderia socorrer quem pedia o socorro. O jogo das escolhas lexicais “cobrir” e “descobrir” atende ao campo das pessoas vivas e que sentem frio. Há uma aparente coerência na atitude dele.

O desacordo cria o humor final pelos conhecimentos das personagens não serem partilhados naquele momento; afinal, mortos não sentem frio, não precisam ser cobertos, e, ao jogar terra sobre uma pessoa que se encontra numa cova, não se está cobrindo-a, mas, matando-a.

Se o leitor atentar para o título da obra, poderá supor que, pelo fato de essa história narrativa ser uma fábula, haverá algo além dos fatos. O leitor que conhecer a estrutura da narrativa e os objetivos desse gênero poderá projetar que há algo além dessa história para se refletir. O escritor ao escolher esse gênero tem intenções, propósitos, objetivos, perspectivas de elaborar opiniões e de reformular crenças. Cabe ao leitor fazer essa leitura e análise.

O risível é uma variação das narrativas de história; o “inesperado” decorre da articulação entre o “dado” e o “novo”. O leitor constrói uma expectativa, mas ela pode ser reformulada por uma informação nova trazida pelo autor ou narrador. O risível resulta dessa quebra de expectativa e da consciência do engano: “e pegando a pá, encheu-a de terra e pôs-se a cobri-lo cuidadosamente”. A moral final da fábula reforça o humor: “Nos momentos graves é preciso verificar muito bem para quem se apela”

Erro de português

Quando o português chegou  
Debaixo de uma bruta chuva  
Vestiu o índio  
Que pena!  
Fosse uma manhã de sol  
O índio tinha despido  
O português.

Andrade (2006)

Ao ver, no título do poema, as escolhas lexicais “erro de português”, pode-se inferir que o assunto será sobre um desvio de uma regra de construção linguística. Com o decorrer da leitura, essa hipótese não se confirma, pois o erro não foi de ordem estrutural da língua, mas de uma imposição cultural dos portugueses em relação à cultura dos índios. A palavra “português” não está relacionada ao idioma, mas ao povo de Portugal.

Para que o leitor possa chegar a esse sentido, ele deve conhecer o saber partilhado socialmente, pois se essa ação não for partilhada pelo leitor, ele não possui, armazenado na memória, esse esquema mental sobre o descobrimento do Brasil, não estabelecendo a coerência do texto. Há um grande questionamento cultural, que fica implícito, de que o Brasil não foi, exatamente, descoberto pelos portugueses de forma fortuita.

A intencionalidade do autor está em indicar um erro do povo português no processo de colonização. Para isso, usa da estratégia linguística na seleção dos verbos “vestir” e “despir”, que acaba construindo uma ironia em função da questão meteorológica “chuva” e “sol”. Outra estratégia que denota ironia é a escolha da expressão “que pena!”, seguida da estratégia de uso da exclamação. O sentido global do poema é de que a descoberta tenha sido um erro nas relações entre nativos e europeus

A reflexão crítica de quem deveria ter influenciado quem, evidentemente, passa pela questão dos hábitos de vestimenta, para chegar a um sentido mais avaliativo sobre esse suposto “erro” de navegação, o que permitiria outra leitura irônica, sobre a passividade dos nativos em se deixarem vestir.

Os versos sugerem uma relação de poder entre o povo dominante e o povo dominado. Ao vestir os indígenas, o colonizador tinha a intenção de impor sua cultura. Outra possibilidade de leitura seria: se o português não tivesse a visão da ganância, perceberia que sendo ele o estrangeiro, que chegou a um ambiente onde já existiam habitantes, era ele que devia despir-se de seus valores e talvez adaptar-se aos novos hábitos.

O leitor, diante dessa hipótese de leitura, poderia se perguntar: se foi erro de português vestir o índio, teria sido um acerto o índio despir o português? O correto teria sido o europeu se despir de sua cultura para se indianizar? Esse teria sido o mesmo erro visto pelo seu lado avesso. O fato é que a hipotética indianização do português seria, também, um erro.

A estrutura narrativa apresenta inicialmente a chegada dos portugueses debaixo de uma bruta chuva, o conflito gira em torno de ele vestir o índio e a resolução aponta para uma reviravolta, caso fosse uma manhã de sol, essa informação nova trazida pelo autor, quebra a expectativa, traz uma reformulação da leitura poética, para o risível.

Caso o interlocutor desconheça o conteúdo polissêmico da expressão “erro de português”, o contexto de mundo do processo de colonização, ou a regra interacional, de quem pode influenciar quem, a compreensão pode não acontecer. O interlocutor não toma consciência desse engano, não reformula as inferências, não constata o inesperado, nem o risível do texto, então, não compreende a estratégia interacional humorística: o esperado e o inesperado.

### Joãozinho e a Argentina

O presidente argentino, em visita oficial ao Brasil, iria conhecer uma escola de Brasília. E o diretor da escola foi preparar seus alunos para receberem a visita:

- Vocês devem ser educados com o senhor Nestor. Joãozinho, eu vou perguntar a você o que é a Argentina para nós. E você responderá que a Argentina é um país amigo.

- Não, diretor! A Argentina é um país irmão.

- Muito bem, Joãozinho. Mas não precisa tanto. Diga apenas que a Argentina é um país amigo.

- Não é não, a Argentina é um país irmão!

- Tá bom, Joãozinho. Por que você acha que a Argentina é um país irmão, e não um país amigo?

- Porque amigo a gente pode escolher!

Piadasnet (2005)

Ao analisar o título da piada, pode-se acionar uma hipótese: “Joãozinho” quando utilizado em piadas, normalmente, aparece naquelas piadas consideradas “sujas”, com conotação sexual. Isso não se confirma ao final do texto.

“Joãozinho” representa um nome comum aos brasileiros, mas ao colocá-lo no título, adicionando-o à Argentina, deveria causar estranhamento, no caso, de a pessoa ativar na memória a antiga rivalidade entre brasileiros e argentinos, que advém do futebol.

No primeiro parágrafo, apresenta-se a situação e identifica-se um contexto de formalidade, de uma situação que merece preparo para o encontro. Essa percepção ocorre pelas escolhas lexicais em: “visita oficial” do presidente da Argentina e “o diretor da escola foi preparar os alunos”; esse momento de encontro não seria sequer preparado pelo professor, tamanha a seriedade do momento.

Segue-se uma sequência dialogal, em que o diretor tenta mostrar essa necessidade de “ser educado” e passa a treinar os alunos por meio de perguntas e respostas. Surge o conflito, pois o diretor quer que Joãozinho diga que a Argentina é um país amigo, mas ele quer dizer que a Argentina é um país irmão. O diretor faz o papel de educador e elogia: “muito bem, Joãozinho”; depois, faz uma ironia: “mas não precisa tanto. Diga apenas que a Argentina é um país amigo”. O menino chega a contra-argumentar de forma mais enfática “Não é não, a Argentina é um país irmão!” e, ao que parece, o diretor começa a perder a paciência: “Tá bom, Joãozinho. Por que você acha que a Argentina é um país irmão, e não um país amigo?”.

Em geral, meninos que não são bons alunos, são espertos e sabidos no que se refere à rapidez na malandragem ou traquinagem. Nesse caso, vê-se que ele foi bem esperto, principalmente, pelo ponto de vista escolhido, que acabou gerando humor. Essa hipótese se confirma, embora haja um conceito de que as crianças não sabem o que fazem ou o que dizem; por vezes, elas são bem espertas e sabidas.

A piada só será entendida como tal se o leitor tiver a experiência prévia, o saber partilhado socialmente, sobre essa rivalidade entre os brasileiros e os

argentinos. Se isso não for ativado mentalmente, o sentido do texto não se constrói. Há necessidade dos conhecimentos enciclopédicos para que o humor seja percebido. A intencionalidade do produtor da piada é exatamente ironizar a relação entre os brasileiros e os argentinos. Para que ocorra aceitabilidade dessa situação, ela precisa passar pelo contexto cultural para que o leitor reconheça essa estratégia humorística. Se esse não for um modelo partilhado pelo interlocutor, ele não perceberá os sinais, nem fará hipóteses; então, não será estabelecida a compreensão e a interpretação do sentido global do texto.

A construção da coerência também passa pelos fatores de contextualização de que Joãozinho é um aluno esperto e, ao dizer a frase final, faz esse recorte, essa tematização de que se pudesse não escolheria esse país para ser irmão; no máximo, escolheria para ser amigo. A relação elaborada por ele entre aquilo que se pode escolher e aquilo que se tem que aceitar fica implícito, faz com que o leitor tenha que pensar e reconstruir a intenção pretendida. Se esse contexto não for conhecido ou considerado, não se poderá rir. Caso o leitor não tenha esse saber prévio, ele não constrói uma expectativa, não reformula a informação nova trazida, não toma consciência desse engano, não reformula as inferências, não constata o inesperado, nem o risível do texto e, então, não compreende a estratégia interacional humorística.

### **Considerações finais**

Essas análises puderam comprovar o que os estudos teóricos feitos, inicialmente, já apresentavam: a necessidade de os leitores se apresentarem como sujeitos ativos na atividade de produção de sentidos, durante a leitura dos textos.

Os leitores, ao efetuarem as análises, devem ativar os conhecimentos prévios linguísticos, enciclopédicos e textuais, levar em conta os princípios de textualidade e, ao interpretar, exercer a função de estrategistas na missão de desvendar os segredos dos textos.

E, assim, nesse estudo do texto, pelo texto e para o texto, foi possível verificar que é importante identificar como os textos expressam as ideias que desejam e como os leitores podem recuperar isso por meio de uma leitura reflexiva.



## **Referências**

ANDRADE, Oswald de. *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. São Paulo: Globo, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise-pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 208-236.

DIJK, Teun Adrianus Van. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.

FERNANDES, Millôr. *Fábulas fabulosas*. 14.ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1997

JOÃOZINHO e a Argentina. *Piadasnet*, 2005. Disponível em: <piadasnet.com/piada117argentinos.htm>.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola, 2010.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. Um outro olhar para as narrativas de histórias: o suspense e o risível. In: CORRÊA, Lêda Pires; BEZERRA, Antônio Ponciano; CARDOSO, Denise Porto (Org.) *O Texto em Perspectiva*. Aracaju: Editora UFS, 2009.